5
Relação família-escola

Com o surgimento da instrução pública no Brasil no século XIX, a família dividiu parte da tarefa que acontecia no espaço privado do lar com a escola. Criada como instituição especializada, dotada de competências específicas para ensinar, a escola assumiu parte da função de promover a educação. Família e escola compartilham, desde então, a responsabilidade pela educação das novas gerações.

A democratização do acesso ao ensino fundamental evidencia o despreparo da escola para o atendimento das camadas populares e o fracasso escolar de alunos oriundos desse grupo populacional passa a ser considerado um problema social na década de 50 em países que já tinham conseguido universalizar o acesso à escola para toda população. Nas décadas de 60 e 70, grandes levantamentos como pesquisa longitudinal do INED – Instituto Nacional de Estudos Demográficos (1962-1972) na França, o relatório Coleman (1966) nos Estados Unidos e várias pesquisas e relatórios britânicos abalam a crença liberal de que apenas a abertura de vagas, a facilitação de acesso e a meritocracia eram suficientes para a democratização do ensino. Segundo esses estudos, a desigualdade educacional teria influência não de só de fatores como a diversidade cultural das famílias e o meio social do aluno, como também das práticas pedagógicas das instituições escolares. (Forquin, 1995).

Ainda na década de 60, surge no cenário mundial o trabalho do sociólogo inglês Basil Bernstein sobre a teoria dos dois códigos lingüísticos: o elaborado e o restrito, determinados pela origem social, que forneceriam uma relação causal entre a linguagem e o rendimento escolar. O código elaborado seria utilizado pelas camadas médias e altas e o restrito pelas camadas populares. Como a instituição escolar utiliza e, portanto, exige do aluno a utilização do código elaborado, aqueles oriundos das classes populares ficam em desvantagem em relação aos das classes mais privilegiadas socialmente (Soares, 2002).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

A crise de confiança no sistema de ensino vivenciada nos anos 60 ganha nova interpretação a partir da contribuição de Pierre Bourdieu para quem a educação perde seu caráter de transformação e democratização da sociedade e se coloca como uma instituição que mantém e legitima os privilégios sociais. Para Bourdieu, os comportamentos escolares são reflexos da origem social e familiar dos alunos (apud Nogueira & Nogueira, 2002).

Diante dessa perspectiva da relação entre origem social e desempenho escolar, várias pesquisas são desenvolvidas a fim de compreender a importância da família no processo de escolarização de filhos das classes populares (Souza e Silva, 2003; Nogueira, 2002, Lahire, 1997). Esses estudos consideram as importantes teorias das décadas de 60 e 70, confirmando a maior probabilidade de uma criança de origem popular ter desempenho inferior ao de uma criança de classe média, mas ressaltando que a valorização da escola pela família, que não passa por uma relação direta com o fator econômico, é um elemento que contribui para o bom desempenho escolar.

Segundo Souza e Silva (2003), o fator econômico não deve ser visto como determinante para o sucesso escolar de alunos de setores populares na escola. Essa variável tem um valor bastante significativo, mas deve ser relativizada já que se fosse absoluta não haveria diferença de desempenho escolar entre alunos de setores populares. Mais importante que o fator econômico é a habilidade de apreensão das regras do jogo escolar e a capacidade de se jogar com elas, considerada pelo autor ainda mais significativa que a competência cognitiva do aluno.

Se por um lado, a presença dos pais ou responsáveis no cotidiano escolar pode depender da valorização da instituição escolar pelas famílias, o entendimento da escola sobre o efeito que essa participação pode ter sobre o desempenho escolar dos alunos também poderá pautar as estratégias para a aproximação dos pais nas escolas e os resultados dessas iniciativas.

Algumas dessas ações de aproximação são realizadas cumprindo determinação dos sistemas de ensino, outras por iniciativa dos próprios gestores e equipes pedagógicas. Estudo feito pela UNESCO no Brasil e a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (Castro & Regattieri, 2009) a fim de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

identificar as iniciativas que já estão ocorrendo no Brasil apresenta, com base nas informações coletadas, uma aglutinação dessas iniciativas considerando quatro tipos de intencionalidade: educar as famílias, abrir a escola para participação familiar, interagir com a família para melhorar os indicadores educacionais e incluir o aluno e seu contexto.

A partir da análise do material empírico dessa pesquisa – que inclui entrevistas, observações de campo e questionários – busquei identificar como a relação com as famílias é construída nas escolas e como os pais se mobilizam para o processo de escolarização dos filhos, desde a escolha da escola.

5.1 Participação das famílias na vida escolar dos filhos

A participação familiar na vida escolar dos filhos pode ser percebida pela presença dos pais na escola, atendendo às convocações para reuniões com o grupo de pais ou individuais, ou pelo acompanhamento das tarefas escolares realizadas pelos filhos. Essa participação pode estar influenciada pelo grau de mobilização das famílias em relação à educação, mas também depende de questões práticas, como tempo disponível, principalmente, para as idas à escola.

Em nosso estudo, os dados demonstram a preocupação dos pais com a escolaridade dos filhos, que nem sempre passa pela rotina de estudar com os mesmos:

Tabela 18: Ações realizadas *sempre/quase sempre* pelos pais em relação à vida escolar dos filhos

Como você participa da vida escolar do filho?	Escola A	Escola B
Faço questão que ele tire boas notas	100%	94%
Analiso as notas do boletim	99%	86%
Leio as comunicações da escola	92%	67%
Mantenho-me informado	86%	79%
Apóio as decisões da escola	85%	70%
Ajudo com dinheiro ou compro coisas que ele precisa	84%	80%
Verifico as tarefas escolares	72%	68%
Ajudo nas tarefas escolares	49%	37%
Peço que outra pessoa o ajude nas tarefas escolares	27%	27%

Fonte: Questionário de pais do *survey* SOCED, 2009

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

Dentre as ações realizadas pelos pais, aquelas que demonstram uma atitude de acompanhamento/supervisão parecem estar mais presentes no cotidiano familiar, nas duas escolas. Contudo, os percentuais da Escola A são mais expressivos, o que poderia, em uma análise inicial, demonstrar um grau maior de mobilização das famílias dessa escola quanto ao bom desempenho escolar dos filhos. No entanto, não podemos deixar de considerar que os pais da Escola A declaram ter um nível maior de escolaridade (67% Ensino Fundamental[42], 27% Ensino Médio, 5% Ensino Superior e 1% Pós-graduação) que os da Escola B (82% Ensino Fundamental e 18% Ensino Médio), e que esses pais podem não se sentir à vontade em estudar com os filhos, já que muitos estão em nível acima de escolaridade atingida pelos pais. Essa situação nos remete a tendência de relacionar a participação escolar com nível de escolaridade dos pais, o que não nos parece ser muito consistente, já que, mesmo pais analfabetos podem dar sua contribuição no processo de escolarização do filho, mesmo que seja apenas demonstrando interesse e disponibilidade de tempo para sentar e acompanhar a realização da tarefa escolar. Muitos são os casos de pais que despertaram o interesse para retornar, ou mesmo iniciarem sua trajetória escolar, incentivados pela aproximação do universo escolar dos filhos.

O diálogo familiar sobre a escola e os estudos pode ser uma estratégia importante para o acompanhamento dos pais, diante da dificuldade de acompanhamento direto na realização das tarefas escolares. É preciso também considerar que o universo da pesquisa é de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, com faixa etária entre 14 e 18 anos, fase em que os alunos apresentam maior autonomia em relação à vida cotidiana e também em relação às questões da escola. Analisando os dados dos questionários de pais, percebemos altos percentuais em relação ao diálogo familiar sobre escola e estudos em geral:

[42] Para a análise, os dados de escolaridade foram agrupados por segmento de ensino. Não foi considerada a conclusão do mesmo e sim se o respondente chegou a esse nível de ensino.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

Tabela 19: Diálogo entre pais e filhos

Com que freqüência seus pais ou responsáveis conversam com você sobre:	Sua escola		Seus estudos	
	Escola A	Escola B	Escola A	Escola B
Nunca	2%	9%	2%	6%
Raramente	12%	12%	7%	10%
Quase sempre	32%	44%	23%	31%
Sempre	54%	35%	68%	53%

Fonte: Questionário de alunos *survey* SOCED, 2009

Contudo, há uma sensível diferença entre os dados das Escolas A e B, que parece sugerir haver maior diálogo sobre a escolarização dos filhos nas famílias da Escola A: 86% dos alunos da Escola A e 79% da Escola B declaram haver diálogo, em maior ou menor medida, sobre a escola onde estudam; 91% da Escola A e 84% da Escola B, somados os percentuais das opções *quase sempre* e *Sempre* declaram haver diálogo sobre os estudos.

5.2 Presença dos pais no cotidiano da escola

As duas escolas seguem orientação da SME quanto à realização de reuniões regulares no final de cada semestre para entrega do Boletim Escolar com o rendimento dos alunos. Além disso, quando surgem situações individuais, as famílias podem ser convocadas pelas escolas. Essas convocações podem ser para tratar de assuntos relacionados a questões que estejam criando dificuldades no aprendizado do aluno ou para informar o percentual de faltas dos alunos, conforme orientação da SME para controle do Programa Bolsa Família.

Segundo dados do *survey* SOCED, a maioria das famílias das duas escolas declara atender às convocações das direções tanto nas reuniões de pais quanto nas convocações individuais:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

Tabela 20: Situações em que os pais comparecem às escolas

Em que situação você vai à escola?	Quando sou chamado		Em reuniões de pais	
	Escola A	Escola B	Escola A	Escola B
Nunca	16%	13%	1%	0%
Raramente	5%	10%	0%	1%
Às vezes	8%	13%	4%	13%
Quase sempre	9%	4%	16%	14%
Sempre	62%	60%	79%	72%

Fonte: Questionário de pais do *survey* SOCED, 2009

Esses dados foram apresentados, separadamente, para os professores das duas escolas em reuniões da equipe SOCED com as equipes pedagógicas (professores, coordenadores pedagógicos e direção) e, em ambas as instituições, houve uma reação imediata de discordância dos professores.

No grupo da Escola A, alguns professores indicaram que a surpresa em relação ao percentual de 79% de pais que declararam ir *sempre* às reuniões de pais se dava, principalmente, pelo fato da pesquisa focar alunos do aluno 9º ano, onde a participação dos pais no acompanhamento escolar é menor. Houve uma pequena discussão, mas logo os professores concordaram que, de fato, o índice de participação dos pais em reuniões convocadas pela escola é alto quando comparado aos de outras escolas da rede pública. Assim, aceitaram melhor o percentual de participação declarado pelos pais.

Já na Escola B, alguns professores também não concordaram com o alto percentual de presença dos pais na escola, mas logo lembraram do perfil das turmas que responderam ao questionário que, principalmente, as do turno da manhã, tinham pais mais participativos. Outro aspecto que poderia justificar maior participação dos pais é o fato da escola B estar incluída no Programa Escolas do Amanhã, da SME, que prevê distribuição de *kits* de material escolar e uniformes, preenchimento de cadastros, dentre outras demandas que exigem a presença dos pais, o que poderia refletir nos altos percentuais de ida à escola. A coordenadora pedagógica da escola também concorda que há participação dos pais nas reuniões, mas destaca diferença de participação entre as turmas:

> "As piores turmas, os pais não vêm ou vêm poucos. Agora, as turmas 1, 2 e 3 vêm em peso. Querem saber, querem ver nota."
>
> (Coordenadora pedagógica, Escola B)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

Quanto às convocações individuais, as duas escolas adotam estratégias diferenciadas e conseguem resultados bem distintos.

Na escola A, quando há convocação de responsáveis, a escola insiste muito com o aluno, o que nem sempre é fácil. Segundo a coordenadora pedagógica *"Os (alunos) que mais precisam, o pai nunca atende."* A escola não desiste enquanto o responsável não comparece: telefona, manda telegrama e lança mão de estratégias de muita pressão em cima do próprio aluno:

> "Enquanto o aluno não trouxer sua mãe ou o pai não volta a assistir aula. Fica na secretaria copiando texto, fazendo exercício. Aí o aluno insiste em casa e, às vezes, vem uma avó, traz a irmã mais velha. Eles são assim... há casos de aluno que o pai não quer comparecer, não se incomoda, e para você trazer esse pai aqui, tem que ser muita pressão, e muita pressão em cima do aluno." (coordenadora pedagógica, escola A).

Mas, esses casos são minoria, pois o perfil das famílias da escola é de *"comparecimento, de comprometimento, de ouvir, pelo menos vir aqui e ouvir o que a gente tem a dizer. Eles vêm."*

Já a escola B, a convocação fica por conta dos professores, e a respostas dos pais é muito pequena.

Essa resposta positiva das famílias da Escola A pode ser reforçada pela disponibilidade apresentada por essa escola em receber as famílias, percebidas pelos responsáveis, quando as mesmas solicitam:

Tabela 21: Solicitação de entrevista pelos pais

Quando você solicita entrevista ou apresenta sugestões:	Escola A	Escola B
A escola sempre ouve	**65%**	**45%**
A escola às vezes ouve	**29%**	**41%**
A escola nunca ouve	**6%**	**14%**

Fonte: Questionário de pais do *survey* SOCED, 2009

Já o percentual de resposta dos pais da Escola B demonstra haver menos abertura para o atendimento aos pais fora das reuniões convocadas pela escola: menos da metade dos pais (45%) consideram que a escola sempre os ouve e 14% que a escola nunca os ouve e 41% que a escola às vezes os ouve.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

5.3 A escolha da escola

> Considerando que a maioria das escolas públicas de ensino fundamental recruta seus alunos no próprio território onde está instalada, o lugar simbólico da escola – tão importante para determinar o alcance de seu papel institucional – passa a ficar atrelado ao próprio lugar ocupado pelo território, segregado, por razões econômicas e/ou culturais, tende a segregar a escola, marcando negativamente seus alunos, professores e funcionários, e impondo conseqüências de enorme significado, tanto para o trabalho de instrução, quanto para o de socialização. (Burgos & Paiva: 2009)

Na última década, investigações voltadas para a relação entre desempenho escolar e localização das escolas, revelam que alunos de escolas dentro de territórios de favela, ou de regiões mais empobrecidas e submetidas a ambientes violentos, possuem maior probabilidade de apresentarem pior desempenho nas avaliações oficiais do que alunos de escolas fora desses espaços. (Ribeiro & Kaztman, 2008; Alves, 2010, Burgos & Paiva, 2009).

A distribuição dos alunos nos sistemas público e privado de ensino da cidade do Rio de Janeiro mostra que os filhos de famílias de classes populares são majoritariamente atendidos pela rede pública de ensino. Porém, dentro da própria rede pública, há uma divisão que coloca escolas que conseguem oferecer um ensino de qualidade de um lado e aquelas que não conseguem de outro, mesmo sendo submetidas à mesma administração e atingidas por políticas semelhantes. A tendência é que os alunos com maior desvantagem socioeconômica freqüentem escolas que oferecem um ensino de menor qualidade, reforçando as desigualdades existentes.

Nesse sentido, a escolha das escolas pelas famílias pode interferir positivamente na aprendizagem do aluno. Aqueles cujas famílias que deslocam-se para escolas com diferencial de qualidade, mesmo que sejam mais longe do local de moradia, apresentam maiores probabilidades de terem uma aprendizagem mais positiva (Alves, 2010).

Essas escolhas dependem das oportunidades oferecidas pela estrutura social, como a oferta de escolas no local de moradia, ou podem significar o grau de mobilização das famílias para a educação, que pode estar associado, também, ao nível de escolaridade dos pais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

Analisando quais seriam os aspectos considerados *muito importantes* pelas famílias de nosso estudo para a escolha da escola, observamos que há, em geral, uma valorização de elementos como qualidade do ensino e disciplina em suas escolhas:

Tabela 22: Aspectos considerados *muito importantes* na escolha da escola pelas famílias

Qual a importância de cada um dos aspectos abaixo para a escolha **DESTA** escola?	Escola A	Escola B
A escola exige disciplina e bom comportamento dos alunos	97%	81%
A escola fica perto de casa	**39%**	**77%**
A escola oferece ensino de qualidade	**95%**	**75%**
A escola é aberta ao diálogo com os pais	**91%**	**75%**
A escola exige muito do aluno	**90%**	**62%**
É uma escola bem falada	**87%**	**53%**
Os alunos dessa escola são sempre aprovados no Vestibular	**56%**	**20%**

Fonte: Questionário de pais do *survey* SOCED, 2009

Apesar dessa aparente semelhança de interesses, há diferenças percentuais significativas: 95% para Escola A e 75% para a Escola B em relação à oferta de ensino de qualidade, 97% para a Escola A e 81% para a Escola B em relação à disciplina oferecida pela escola e 90% para a Escola A e 62% para a Escola B em relação ao grau de exigência sobre o aluno.

Segundo a coordenadora pedagógica da Escola A, a marca da escola é a direção aliada à disciplina e comprometimento da equipe e que a escolha dos pais pela escola também considera esse aspecto:

> "Os pais escolhem a escola por causa da direção e, principalmente, porque gostam muito da disciplina daqui. A marca registrada da escola é a direção aliada à disciplina e ao compromisso. (...)" (coordenadora pedagógica, Escola A)

A abertura da escola para o diálogo com pais também é considerado um aspecto *muito importante,* porém em maior grau para a Escola A (91%) que para a Escola B (75%). Essa diferença pode ser reflexo de maior investimento da equipe pedagógica da Escola A na aproximação com os pais. A diretora tem o hábito de estar no portão da escola para receber os alunos no início dos turnos, momento em que os pais podem ter acesso à direção, e há uma rotina de reuniões incorporada à

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

dinâmica a escola, informada aos pais logo no início do ano letivo, quando são convocados pela direção, para uma reunião onde são passadas as regras da escola. Esse encontro, que marca a preocupação com a ordem e a disciplina na unidade escolar, é realizado por turno pela diretora. De acordo com dados da própria direção, essas reuniões mobilizam cerca de 400 pais em cada turno, o que se constitui em um número bastante expressivo haja vista que a escola teve um atendimento de cerca de 1300 alunos em 2009.

O aspecto *escola bem* falada é considerado tanto pela Escola A (87%) tanto pela Escola B (53%), mas, novamente, percebemos diferenças percentuais bastante significativas entre as duas escolas. Esse aspecto expressa a importância das redes sociais interferindo nas escolhas dos pais, o que pode ser reforçado com os percentuais de respostas da pergunta *Onde você conseguiu informações para escolher a escola do seu filho?,* quando 64% dos pais da Escola A e 57% da Escola B declaram ser de sua rede social (parentes e amigos). A Escola A já era considerada uma escola de qualidade na região mesmo antes da adoção dos sistemas de avaliação oficial pelos governos federal e municipal. Os bons resultados nas provas oficiais, segundo a diretora, só comprovam o que já era reconhecido anteriormente, verificado pelas históricas filas de pais na frente da escola no período de matrícula da Rede Municipal de Ensino.

Quanto à aprovação no Vestibular, 44% dos pais alegam ser pouco importante para a escolha da escola enquanto 80% o fazem na Escola B. Vale destacar que as duas escolas atendem apenas até ao último ano do Ensino Fundamental e que, talvez, a aprovação no Vestibular ainda não seja uma preocupação para as famílias. No entanto, as diferenças entre as duas escolas assinalam horizontes futuros bem mais otimistas, com perspectivas de ensino superior, por parte dos pais da Escola A, mesmo que o ingresso ao ensino superior de jovens oriundos de classes populares ainda seja uma realidade distante para a maioria dessa população.

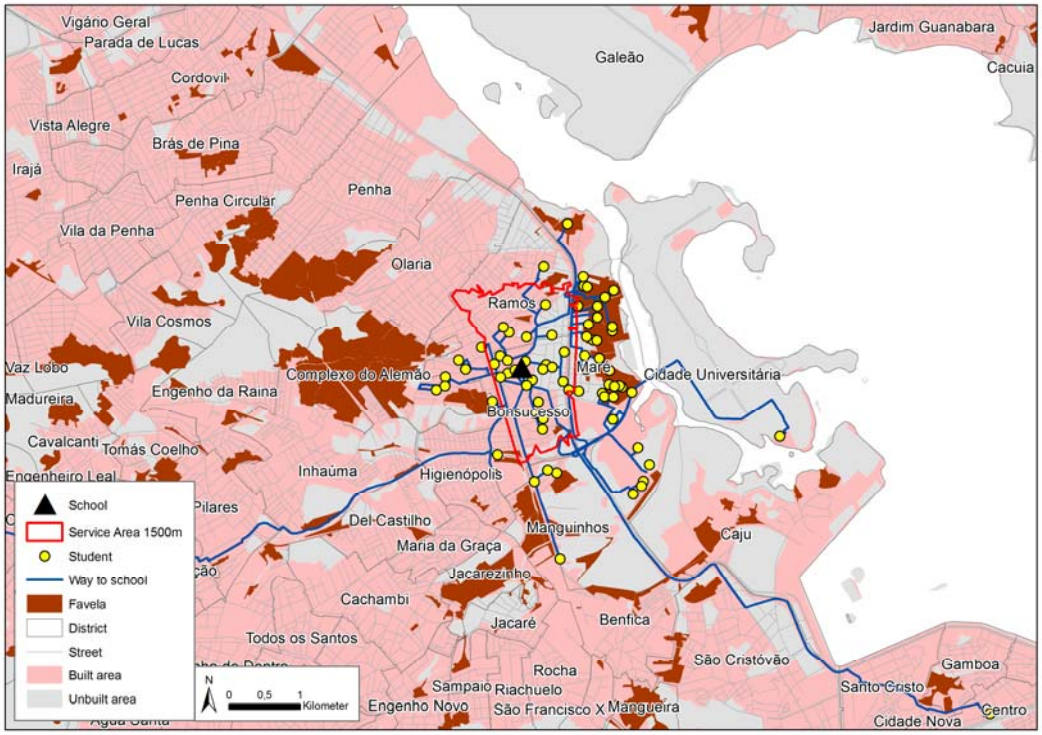
Desse conjunto de respostas, um outro aspecto com diferenças percentuais bastante significativas entre as duas escolas é *A escola fica perto de casa*: 39% para a Escola A e 77% para a Escola B. A possível relação entre desempenho escolar e o território das instituições de ensino nos oferece várias possibilidades

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

de análise dentro do conjunto de estudos sobre o efeito da segregação urbana no espaço escolar.

A partir do Código de Endereçamento Postal (CEP) das famílias que responderam ao questionário, foi possível fazer o georreferenciamento dos alunos das duas escolas, identificando a distância entre a escola e local de moradia dos alunos:

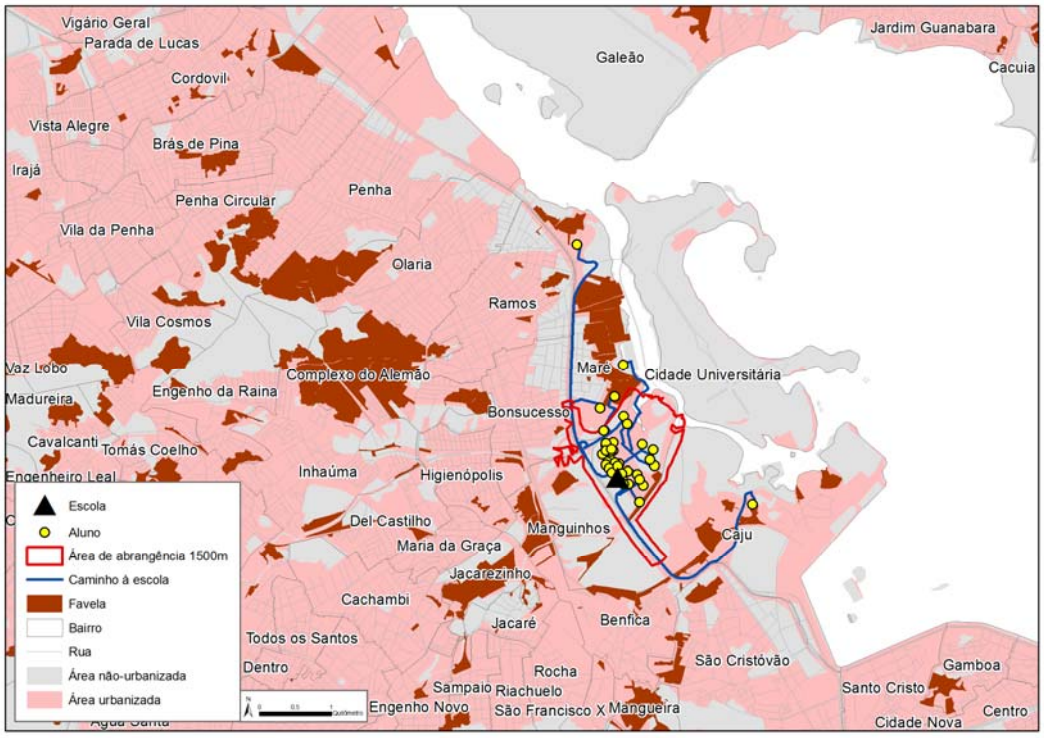
Mapa 2: Localização das residências dos alunos da Escola A



Fonte: mapa elaborado por Wolfram Lange para essa pesquisa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

Mapa 3: Localização das residências dos alunos da Escola B



Fonte: mapa elaborado por Wolfram Lange para essa pesquisa

Os mapas apresentados nos dão a visualização da distribuição espacial das moradias dos alunos em relação à localização das escolas e confirmam a opção de muitos pais da Escola A para a escolha da escola a despeito da distância de seu local de moradia. Para esse estudo, foram utilizados todos os CEPs dos 138 alunos da Escola A e 111 da Escola B. Os pontos amarelos indicam alunos, podendo haver mais de um aluno no mesmo ponto, dependendo da proximidade das residências. Foi considerada uma área de abrangência de 1500 metros para a distância entre a escola e a moradia, entendendo que é possível se percorrer essa distância à pé, sem necessidade de utilização de qualquer meio de transporte.

Os depoimentos obtidos em entrevistas com membros da direção das duas escolas, também mostram essa tendência:

> "Temos crianças que moram até longe. Tem uma aluna que está aqui há anos que mora no Caju, não sei por quê. Tem outra do 2o ano que morou na Vila do João e não quer sair da escola. Mas a maior parte, a mãe quando vai escolher, escolhe por que mora pertinho"(Coordenadora Pedagógica, Escola B)

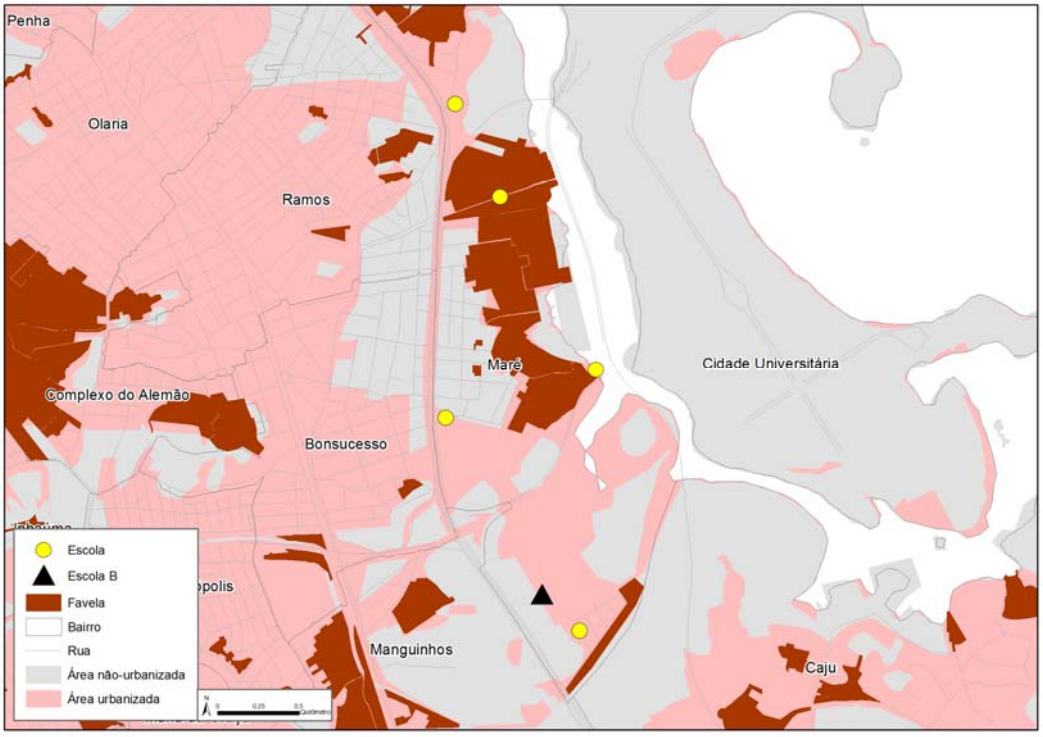
> "Aqui eu recebo toda a Maré, todas as comunidades de Bonsucesso, a Baixa do Sapateiro, a Leopoldo Bulhões. Isso aqui é um caldeirão!" (Diretora, Escola A)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

Uma menor oferta para os anos finais do Ensino Fundamental pode, também, levar à escolha de escolas mais distantes da moradia do aluno. Na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, o número de escolas públicas que atendem ao segundo segmento do ensino fundamental, com a quase totalidade de atendimento de competência desse sistema público de ensino, é menos da metade do número daquelas que oferecem os iniciais: em 2009, a rede municipal era constituída de 986 escolas. Dessas, 405 atendiam ao segundo segmento modalidade de ensino, 150 com atendimento exclusivo e 255 aos dois segmentos. Quanto aos anos iniciais, 836 unidades de ensino atendiam a esse segmento, sendo 581 com atendimento exclusivo e 255 com atendimento aos dois segmentos.

Os mapas nos mostram a oferta de escolas de segundo segmento regular na Maré (local de moradia da quase totalidade de alunos da Escola B e onde também reside boa parte de alunos da Escola A) e nos bairros com maior concentração de alunos atendimentos pela Escola B, de acordo com informações do *survey* SOCED.

Mapa 4: Oferta de escola de segundo segmento regular na Maré



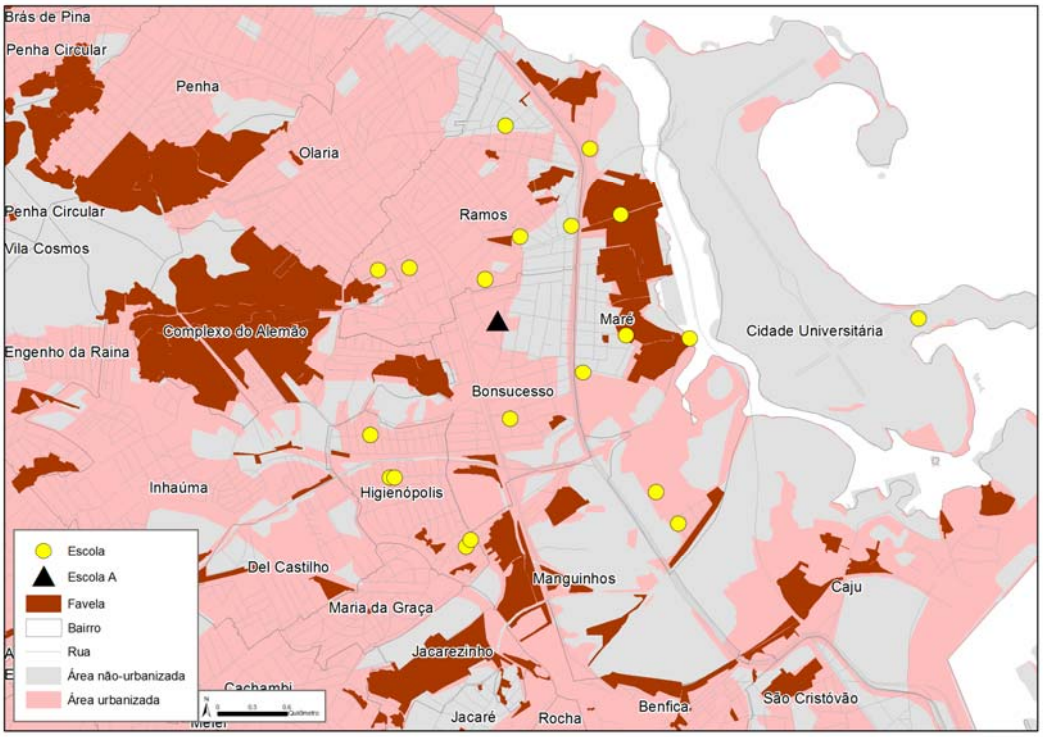
Fonte: mapa elaborado por Wolfram Lange para essa pesquisa

Na Maré há quinze escolas públicas da rede municipal e uma da rede estadual que atendem ao Ensino Fundamental. Dessas, apenas seis atendem ao

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

segundo segmento dessa modalidade de ensino. Essas escolas apresentam uma demanda muito grande de procura, o que resulta em atendimento sem a estrutura necessária para isso, interferindo na a qualidade do ensino oferecido.

Mapa 5: Oferta de escola de segundo segmento regular nos bairros de maior concentração de alunos da Escola A



Fonte: mapa elaborado por Wolfram Lange para essa pesquisa

Como na Escola A há uma procura maior de alunos cuja moradia fica distante a mais de 1500 metros, há uma maior oferta de escolas, o que reforça a escolha pelas famílias de escolas com referencial de qualidade a despeito da distância da residência.

Os motivos para a escolha da escola nos parece ter, também, uma proximidade com o que as famílias entendem como papel da escola. Questionadas sobre qual seria a contribuição que a escola poderia dar na formação de seus filhos, as famílias das duas escolas não apresentam diferenças percentuais significativas em suas respostas. Para essas famílias, as questões éticas e morais e aquelas que envolvem os conteúdos ditos formais, que devem ser desenvolvidos pela escola e são necessários para a continuidade da trajetória escolar e ingresso no mercado de trabalho, mereceram maiores percentuais de resposta.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA

Tabela 23: Opinião dos pais sobre o papel da escola

Em sua opinião, cabe à escola contribuir para:	Escola A	Escola B
Assegurar aprendizagem dos conteúdos escolares	96%	87%
Desenvolver a cidadania	95%	91%
Educar para o respeito às regras	95%	94%
Preparar para o mercado do trabalho	95%	94%
Educar para o respeito ao próximo	95%	91%
Assegurar um bom resultado no vestibular e ENEM	91%	88%
Promover o valor do esforço	84%	86%
Promover a felicidade	71%	77%
Desenvolver o espírito crítico	64%	59%
Promover a autonomia	64%	68%

Fonte: Questionário de pais do *survey* SOCED, 2009

Esses percentuais reforçam a tendência encontrada nas pesquisas de que famílias de classes populares, apesar do momento de incertezas e de crise da escola pública, ainda buscam na escola a possibilidade de inculcação no aluno da ética do trabalho, valorizando a disciplina, o trabalho e o esforço, necessários não só para o mercado de trabalho como para a vida social. Além disso, contrariam a imagem do senso comum enfatizada, muitas vezes pela mídia, de que famílias de classes populares não valorizam a educação.

Conteúdos menos formais, mais ligados ao que as famílias poderiam dividir com a escola na formação do aluno, aparecem com percentuais menores, mais ainda assim significativos: 71% dos pais da Escola A e 77% da Escola B concordam que cabe a escola contribuir para a promoção da felicidade, 64% da Escola A e 59% da Escola B para desenvolver o espírito crítico e 64% de pais da Escola A e 68% da Escola B para promover a autonomia.

Depois da descrição da parceria família-escola no cotidiano da escola, no próximo capítulo farei uma descrição das condições para o desenvolvimento do trabalho pedagógico nas duas escolas, apreendidas na análise do material empírico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913483/CA